

ASPECTOS DO MUNDO MODERNO

CARLOS STUDART FILHO

Em tirada pomposa, mas pouco harmonizada com o espírito irreverencioso e mordaz que o animava, disse, certa feita, o ardido Francisco Maria Arouet de Voltaire ser a tolerância o apatúgio da humanidade e, logo, ajuntou peremptório: — somos todos argamassados de fraquezas e erros; perdoemo-nos, pois, reciprocamente, as nossas tolices; é esta a primeira lei da natureza.

Nenhuns, por certo, mais justos, sensatos e convencedores do que êsses benevolentes conceitos do autor de Henriada; nenhuns poderíamos encontrar tão profundamente humanos e atuais, até nos melhores compêndios de moral prática.

Com êles afinamo-nos plenamente. Também consideramos a tolerância das mais nobres virtudes sociais e sempre intentamos praticá-la com determinação e firmeza. Daí talvez a complacência extrema com que vemos êsses jovens de conduta agreste e melenas revôltas que, parecendo atacados da mania de bailar dos dervixes e coribantes, executam, ao som de ritmos bárbaros, estranhas gingas, insólitos trejeitos a que denominam danças modernas. A denominação é, aliás, perfeitamente aceitável, se tivermos em conta receberem idêntico apelativo os toréns dos nossos índios, os batuques dos negros africanos e, até, os esgares e sara-coteios com que os feiticeiros asiáticos evocam demônios e a alma dos mortos.

Vítimas, muitos dêles, de um sistema educacional que falhou porque de inspiração fundamentalmente leiga, (1) tangidos dos complexos próprios à difícil e perigosa idade que atravessam; vivendo, não raro, sob o pêso de desajustes familiares, merecem todos compreensão e estímulo.

Inseguros, sofrem os efeitos "da crise espiritual de uma época sem crenças, nem valôres permanentes e estáveis".

Aliás, não me parece haver, sob tal aspecto, diferenças ponderáveis, dissimilitudes gritantes ou largos antagonismos entre a maneira de proceder da juventude turbulenta dos nossos dias, entre a *beat generation*, de que nos fala Jaques Kerouac, em *The Town and the City*, e as gerações de artistas ditos modernistas e, em particular, aquêles surgidos nas últimas décadas; entre Picasso, por exemplo, e qualquer dêsses jovens aparentemente andróginos chamados *teddy-boys* que enchem King Road de suas extravagâncias e aos quais o prof. Toynbee, em sua decrepitude venerável de sábio que pretende criar um patriotismo universal, atribui a tarefa gigantesca de revigoradores da nação inglêsa, hoje apenas sombra de si mesma.

Entre Chagall, Jaques Villon, Fernando Léger, Miró, Bracque, Marta Calvin e os jovens cabeludos que, vindos dos mais diversos países do Velho Mundo europeu, concentram-se na Praça do Petit Pont, em Paris, ou se esparramam inertes, sórdidos,

(1) — A Dra. Melitta Schmidberg, diretora do Serviço Clínico da Associação para Tratamento Psiquiátrico dos Delinqüentes, em Nova York, afirmou recentemente que, se desse bons resultados o plano moderno de criar meninos e meninas sem qualquer contrôle, em obediência às teorias esquisitas de alguns psiquiatras, a esta altura já deveríamos sabê-lo. Deveria haver menos delinqüência e criminalidade juvenis, muitô menos neuroses e muito menos desajustamentos.

Na realidade, essa psiquiatra com grande experiência no assunto diz que "devemos concluir que os resultados são decepcionantes". Os professôres nos colégios lutam com o problema de crianças que jamais aprenderam a respeitar a autoridade. Nada indica ter melhorado a saúde mental dos nossos jovens. Todos sabemos que o problema da delinqüência em adolescentes vem-se agravando; verificamos cada vez mais que está aparecendo a esquizofrenia em crianças, e o número de neuróticos certamente não é inferior ao que era sob a mais rigorosa educação à moda antiga.

É possível que tenham falhado nossas idéias absurdas que mandam deixar a criança crescer sem disciplina, não lhe impor restrições nem ajudá-la a tornar-se um adulto controlado e de bom senso. Por que não admitirmos que as idéias tôlas de alguns teóricos igualmente tôlos só conduziram ao fracasso? Por que não voltarmos a usar a cabeça? Dr. Valter Alvarez "Falhou a educação moderna das crianças? O Globo — 16.1.60).

esquálidos e inúteis pelas calçadas que margeiam o Sena; entre o tão celebrado Henry Morre, que qualifica de poesia em pedra as suas horrendas esculturas, o japonês Sakai, o sueco Tinguely, o iugoslavo Edo Murtié e os *Beatniks* americanos que, encarapitados em motocicletas possantes, desafiam tólamente a morte, praticando a chamada "roleta paulista"; ou derramam o terror e o espanto entre compatriícios estarecidos; entre Azamor de Oliveira, Jorge Tavares, Archises Azevedo, José Tavares, Reinaldo Fonseca e Mirabeau Sampaio, o escultor três vêzes laureado, e os jovens transviados que invadem boates e inferninhos cariocas na Zona Sul, promovem curras na barra da Tijuca ou se perdem cearensemente, em noitadas alegres, por entre as dunas movediças da Praia do Futuro.

Todos trazem a mente perturbada pela dúvida. Não pela dúvida filosófica, através da qual a criatura se afirma, o ser humano se nobilita e o espírito é conduzido ao trato dos grandes problemas metafísicos e humanos; conturba-os, na verdade, apenas a dúvida pequenina, rasteira, instintiva que é, antes, o mêdo do desconhecido, a incerteza do amanhã, a profunda descrença no destino da civilização de que participam, e, até, na própria sobrevivência do homem como criatura humana.

O sentimento, que os domina e tortura, tem algo da angústia do ser ante o não-ser; do temor do irracional que pressente a aproximação da noite que é para êle marcada sempre de insídias e perigos e que o instinto lhe faz aparecer com a própria imagem do aniquilamento.

Acorçoam-lhes o espírito, não sentimentos-fôrças ou idéias construtivas, mas o mêdo que avilta, a angústia que deprime, a frustração que abate e amesquinha, estados d'alma oriundos todos, em última análise, da descrença na outra vida, da perda da fé no Onipotente.

Muitos dêsses jovens, a que nos estamos referindo, buscam, através de atos de turbulência, atordoar-se para, dêste modo, sepultar no esquecimento os seus temores, ou assumem, com idênticos propósitos, inanes atitudes de revolta contra aquilo que consideram uma ordem caduca. (2)

(2) — Com J A.C. Brown (Técnicas de Persuasão, pág. 69), lembraremos, de passagem, que a frustração sempre impele à agressão, podendo esta ser dirigida contra o objeto frustrador, contra o próprio indi-

Os artistas de hoje são também, em grande maioria, criaturas angustiadas que procuram ocultar o vazio do espírito, inventando formas expressionais imprevistas e, sobretudo, audaciosas, embora saibam serem elas insignificantes, inconseqüentes e efêmeras.

Fuga à tradição, criações de vanguarda, novas tendências artísticas, termos de que tanto se usa e abusa atualmente, são, na realidade, apenas frases despidas de significado, palavras de nenhum sentido real. Mera verbiagem, servem, quando muito, a esconder a incapacidade ressentida, pelos que delas se valem, para realizar algo de realmente grandioso e eterno.

Embora de nenhum modo devam merecer do público o apêdo de farsantes que lhes tem sido por vêzes aplicado, porque há, em muitos dêles, estro e honestidade de propósitos, todos são, no fundo, uns iconoclastas, uns inconscientes destruidores dos clássicos padrões de beleza (3). Não podem fugir às diretrizes impostas pelo meio. A arte moderna não é uma burla ou um gracejo de mau gôsto mas fruto de uma fatalidade histórica e, como tal, não deve ser posta ao ridículo, mas aceita e acatada.

E êsse niilismo de que falamos é na verdade filho da angústia que domina e agita tão vivamente a consciência contemporânea e que se traduziu, no mundo das artes, pela multiplicação incessante de escolas e constantes inovações técnicas.

Interroguem, ao acaso, artistas plásticos de qualquer nacionalidade e sempre obteremos dêles idênticas palavras de desalento e desagrado. Tomemos, para exemplo no Brasil, Sívio

vídúo, (levando-o, dêste modo, à depressão e ao ódio de si mesmo), ou, mais prontamente, quando golpear o objeto frustrador só pode conduzir o maior sofrimento e a nova frustração, contra um objeto substituto. A escolha dêste tende a ser feita, entre outras razões, por se tratar de mais um fraco que não possa reagir.

- (3) — A êsse propósito, vem a pêlo recordar por atual e conveniente a opinião formada pelo laureado pintor francês Fernando Léger, a respeito do Abstracionismo. Seu juízo pode, de certo modo, estender-se a tôda a arte moderna.

“O abstrato, afirmava o famoso idealizador da arquitetura, em entrevista concedida a Verdet, é uma libertação total, uma necessidade da própria Arte Moderna Contemporânea. Não representa uma realização, mas um legítimo processo de desintoxicação, um ponto de largada para novas conquistas, o abstracionismo puro é un outil pour se refaire.”

Azamor de Oliveira, jovem artista carioca de grandes méritos. Entrevistado por um jornalista, não escondeu o desprazimento que o obceda e, desde logo, se confessa "um pesquisador antes de qualquer coisa". Esclarece, ainda, ser a sua pintura uma pintura em permanente evolução.

Recordemos agora, em traços rápidos, a obra pictórica de Paulo Picasso que suas composições cerâmicas, embora numerosas e personalíssimas, pouco interessam no momento.

O exame da seqüência de fases por que passou a pintura do mestre espanhol, hoje tão encomiado, a análise do evolucionar de sua criação artística deixam patentes terem êles se processado sob o signo da mais completa insatisfação. A sua arte é, conforme acentua Ciro de Freitas, "o resultado do seu espírito inquieto e sempre em busca de novas formas e côres". (4) Malgrado a grande obra que realizou no campo da arte e os louros com que os basbaques dos quatro cantos da terra lhe cobriram a frente, êle continua inseguro como qualquer *beatnik*.

Aos 86 anos Paulo Picasso considera-se ainda um artista irrealizado...

* * *

A instabilidade e a insegurança estão por tôda parte; invadiram o próprio campo das ciências exatas.

Desde 1927, ouvem-se os físicos afirmarem que não existem verdades inabaláveis e acrescentarem que por mais evidentes e sólidas que sejam, êles estarão sempre prontos a repudiá-las. Doravante, dizem ainda, é preciso suspeitar de tudo e tudo, tudo pôr à prova. Nada mais admitir sem prévia verificação. (F. Closete)

Faz pouco, a física tradicional estabelecia, como postulado, que a inversão do sentido do escoamento do tempo não modificava os fenômenos. Ora, verificou-se hoje que êste princípio é falso para as interações fracas.

Mais surpreendente, ainda, é haverem os sábios descoberto que os fenômenos físicos não se desenvolvem num espaço e num

(4) — A princípio, sofre Picasso a ação de Tolouse Lautrec, Van Gogh e Gaugin, três gênios sempre rebeldes aos cânones artísticos vigentes. Guêrnica e Les Dames de Mongens pertencem aos nossos dias. A Mulher Sentada e Natureza Morta com Melancia, quadros que tanto escandalizaram a crítica, são de 1947.

tempo simétrico e isótopo como ensinava o saber tradicional. (Ver S, et A. n.º 227, jan. 1966.)

* * *

Também pelos domínios das chamadas ciências do homem, bem assim no campo das ciências naturais, não obstante os vertiginosos e indiscutíveis progressos alcançados no atual momento, multiplicam-se as contradições, acirram-se os debates e ferve a controvérsia.

A palavra vinda dos especialistas, que em seus diferentes setores labutam, carecem da necessária circunspeção; tornou-se insegura e açodada. Já não merecem o respeito e o acatamento a que, do público, faziam jus os sábios de eras pretéritas.

O desejo de emergir do anonimato, sentimento que tem levado ultimamente tantos jovens americanos a cometer crimes hediondos, a ânsia da consagração imediata, porque para o homem moderno o amanhã não existe, leva-os, não raro, a serem descomedidos em suas afirmativas e apressados em suas conclusões.

Para que se possa ajuizar da veracidade destes desconcertantes conceitos, recorro, entre muitos outros, o caso do hormônio da juventude por ter sido aquêle que provocou maior celeuma nestes últimos tempos e encheu de risonhas esperanças o coração de tantos homens que fazem da vida o maior bem.

Isolado por Carol M. Williams, como consequência dos estudos de Wiggleswort e Adolfo Butenandt, apareceu, desde logo, aos menos prevenidos, como capaz de impedir o envelhecimento e a morte. Era afinal a desejada conquista da eterna mocidade.

As pesquisas de três sábios japoneses, Jiro Kikimura, Mieko Saito e Masotoski Kobafashi, vieram, porém, demonstrar que o famoso rival da água da juventude nada mais seria do que o prosaico colesterol que tanto tem dado que falar como produtor da arteriosclerose. (5)

Tudo isso será, talvez, a consequência necessária do ritmo

(5) — Consulte-se "Les secretions hormonales des insectes et le problème de l'hormone juvenile" *Sciences et Avenir* n.º 140, outubro de 1958, págs. 533 a 538). E, ainda, "Le Colestérol hormone des insectes" (*Sciences et Avenir* n.º 188 — outubro de 1962).

excessivamente rápido em que se estão processando as pesquisas científicas e se multiplicam os achados nos largos domínios da cultura.

Tôdas as ciências, observa-o com muito acêrto a Dra. Ana Lynt, experimentam, de ordinário, após anos e anos de aparente modôrra, de largo período de relativa acalmia, uma brusca aceleração no seu tono de vida; entram, então, em fase de extrema produtividade no decorrer da qual os conhecimentos se ampliam e aprofundam.

Bruscamente as descobertas se acumulam e as teorias borbulham; numerosos princípios e dados antigos havidos por legítimos caducam e são abandonados. São crises de crescimento, depois das quais novos horizontes se abrem; borrascas, findas as quais nada mais resta aos especialistas senão pôr de nôvo em ordem o setor científico em que laboram e a que dão o melhor de seus esforços.

Tudo isso será talvez, repetimos, a consequência necessária do ritmo excessivamente rápido em que se estão processando as pesquisas científicas e se multiplicam os achados nos largos domínios da cultura, mas, de qualquer modo, as borrascas, que varrem os vários campos do saber, agravam a confusão em que vivemos e desorientam os espíritos.

E essa confusão generalizada é, seja dito de passagem, apenas um dos aspectos sociais próprios à fase de transição em que vivemos; marca o início de uma nova era na história dos povos.

Assistimos àquilo a que o prof. Weill, de Paris, denominou, com muita propriedade, a passagem da paleotécnica para a neotécnica. Vivemos êsse momento cronológico da existência dos povos civilizados que mereceu, do psicólogo e sociólogo Eurico Fromm, o desalentador epíteto de civilização do ódio. Assim a classificou o sábio com justeza porque há mais ódio do que amor no coração dos homens, embora o riso lhes ilumine o rosto e entreabra os lábios, riso na realidade falso, porque o verdadeiro é, consoante o pensar de Montial, ternura, resplendor compreensivo, tolerância e espiritual florescer de cultura.

Investigações recentes, levadas a efeito por psicólogos e psiquiatras experimentados, revelaram, com efeito, esta surpreendente verdade: cêrca de oitenta por cento das pessoas sentem-se dominadas pelo ódio, ainda que seja temporariamente. Êste sen-

timento, sob todos os aspectos reprovável, tem suas raízes, segundo o próprio Fromm, no medo que está ligado a um complexo de inferioridade, que leva o homem a rezear ser pelo outro suplantado; assenta no descontentamento íntimo com a própria vida ou com o próprio trabalho; surge da falta de autoconfiança, sem a qual o homem não passa de uma criatura desamparada e fraca, vagando ao sabor dos acontecimentos.

Vimos que, por toda a parte, reinam a inquietação, a dúvida e a insegurança, mas voga igualmente a turbulência. Na mente instável do homem dos nossos dias aninha-se, ainda, a evidente preocupação dos prazeres materiais. Nela se patenteia, porém, sobretudo, uma instabilidade emocional de caráter sério, germe de neuroses e psicoses dos mais variados tipos.

Para a nossa civilização cartesiana e materialista, proclamou-o alguém com muito acerto (S. et A. n.º 168, fev. 1961), o desenvolvimento do conforto e do cabedal científico deviam ser suficientes para realizar, no plano psíquico, o equilíbrio individual e coletivo.

Ora, o que se verifica é justamente o oposto de semelhante asserção, aliás de uma fragilidade que se evidencia ao mais leve exame.

Nos países novos, por exemplo, onde o nível de vida progrediu rapidamente, os distúrbios nervosos crescem em progressão alarmante. Assim, nos Estados Unidos é vertiginoso o aumento de pessoas que procuram especialistas em doenças mentais e os nosocômios que dessas afecções cuidam vivem sempre superlotados.

“Acredita-se que, pelo menos dez por cento da população americana, isto é, dez milhões de pessoas, tenham necessidade de assistência psiquiátrica, porque, afirmou-o o prof. Marvin Opler, docente da Universidade de Búfalo, toda essa gente sofre possivelmente de distúrbios nervosos mais ou menos sérios, e tais distúrbios os poderão levar, com o tempo, a cometer atos anti-sociais de natureza grave.

Uma onda de violência e crimes varre, talvez por isso mesmo, o território inteiro da Norte América. (6)

(6) — Em Austin, no Texas, por exemplo, os jornais registraram que Carlos Whitman, abrigado na torre da Universidade, fuzilou, sem motivos plausíveis, treze pessoas.

Os autores das chacinas que ali ocorrem não são, porém, gangsters, empedernidos, assassinos profissionais no exercício de seus sinistros ministérios.

Os que agem de maneira tão brutal, que matam a sangue-frio criaturas inocentes, são moços sem antecedentes criminais e, não raro, acadêmicos que almejam simplesmente alcançar, pela prática de numerosos homicídios, a notoriedade e a fama a que se presumem com direito.

Na Suécia, e poderíamos acrescentar também na Inglaterra, País "onde o equipamento médico-social atingiu a maior perfeição, assiste-se, de quando em quando, ao surgimento de vagas de suicídios, de tumultos sem motivos sérios que põem em conflito policiais e centenas de jovens turbulentos".

Já se chegou a perguntar se a violência não seria a outra face da prosperidade material.

* * *

"Profundamente cindido, o homem contemporâneo explode nas mais desenfreadas manifestações irracionais. Impressionantemente, jamais foi tão sádico e movido por insopitáveis atos de criminalidade, dando um colorido sangrento ao panorama mundial.

"Libertada a energia libidinosa instintiva, uma frenética sensualidade subjuga homens e mulheres; além do mais, diabòlicamente excitados pela literatura, cinema e teatro ao serviço sobretudo, do sexo. Assim sendo, a juventude degenera, maculada nas fontes, donde promana a vida da espécie humana." (N. Campos)

Em Nova Jersey, Hocoard Unruh matou, também a tiros, em plena rua, treze pessoas.

Sempre o número fatídico.

Em Chicago, Ricardo Speck, de 24 anos, fere mortalmente à faca 8 enfermeiras.

Em Mesa, no Arizona, Roberto Benjamin Smith, de 18 anos, massacra quatro mulheres e uma criança, num Instituto de Beleza.

E a lista tenebrosa poderia prosseguir...

(Schleicher, Paris, 1911).